

**ALDEIA BANANAL  
- AQUIDAUANA -**

**TEXTOS  
PRODUZIDOS  
PELOS  
PROFESSORES**

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA  
CAMPO GRANDE - MS

1996

ACERVO MARI

**MDI 245**



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Governador: Dr. Wilson Barbosa Martins  
Secretário: Dr. Aleixo Paraguassú Netto  
Superintendente: Ricardo Leite de Albuquerque

### TEXTOS PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES

Autores:

**Ernestina S. Nascimento**  
**Francisco Tavares da Câmara**  
**Janete Lili Azambuja**  
**Nilza Leite Antonio**  
**Osvaldina Alves Queirós**  
**Roseli Aparecida Carrilho Soares**  
**Rosemeire de Almeida Moreira**  
**Zenir Valério Felipe Rodrigues**

BIBLIOTECA DO M. J. P. E.  
C. E. P. M. S. - SÃO JOÃO INDÍGENA  
Nº TOMBO 183

Organização:

**Marina Evaristo Wenceslau**

Diretoria de Educação Infantil e Ensino Fundamental:

**Ieve Garcia da Silveira Martinez**

Núcleo de Educação Escolar Indígena:

**João Roberto Talavera**

**Marina Vinha**

CAMPO GRANDE - MS  
1996

---

**SED/MS**

**1ª edição - 1996**

**Distribuição gratuita**

**Número de Exemplares: 200**

Assessoras: **Prof. Dra. Marina Evaristo Wenceslau**  
**Prof. Marina Vinha**

Revisão: **Rita de Cássia Pacheco Limberti**  
**Olga Verônica Machado Alves**

Apoio Técnico: **FUNAI/Administração Regional de Campo Grande**  
**Seção de Educação**  
**Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana**  
**Comunidade e Lideranças Terena da Aldeia Bananal**

Capa: **Detalhes da Arte Terena**

Editoração e Impressão:  
**Coordenadoria de Métodos e Informática/DGAF/SED**

**Os textos podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.**

**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MS**  
**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**  
**PARQUE DOS PODERES - BLOCO V**  
**TELEFONE: 726-4055 (RAMAL 320)**

---

---

## APRESENTAÇÃO

Em 1991 foi promulgado o Decreto nº 26/91, o qual transfere a competência das questões educacionais indígenas da FUNAI para o Ministério da Educação e do Desporto, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Fundação Nacional do Índio.

A Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul, na época, recém afeta às questões indígenas, tomou a decisão política de dar seqüência ao processo de capacitação dos professores iniciado pelos, até então, responsáveis.

No ano de 1994, com mais maturidade, tendo aproximado da complexidade que envolve a educação escolar indígena em cada comunidade, fazendo-se conhecer entre as diversas organizações indígenas e indigenistas; ouvindo os professores e antropólogos contratados para prestarem assessoria, a Secretaria de Estado de Educação decide retomar o processo de desenvolvimento das ações educacionais. Passa, então, a atuar de forma continuada, diretamente nas aldeias, evitando agrupar etnias diferentes e vivenciando todo o contexto de inserção das escolas junto aos alunos e à comunidade.

Na Aldeia Bananal, foram realizadas seis capacitações continuadas, completando 100 horas/aulas "in loco" mais as pesquisas a distância elaboradas pelos professores nos espaços entre uma e outra capacitação.

Essas ações foram planejadas pelo Núcleo de Educação Indígena/SED/MS, com recursos federais e estaduais, apoiadas e acompanhadas pela Seção de Educação da FUNAI/Administração de Campo Grande, pela Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana e Lideranças Terena, da Aldeia Bananal.

Transcorridos quase dois anos, os resultados começam a aparecer: o Calendário Escolar é específico para este grupo, o Regimento Escolar diferenciado tramita pelo Conselho Estadual de Educação-MS, os conteúdos de 1ª a 4ª série do I Grau foram definidos, somando-se os conhecimentos étnicos regionais aos

---

---

conteúdos estabelecidos pelas entidades mantenedoras das escolas e foram publicados materiais paradidáticos.

Esta publicação, "Textos produzidos pelos Professores", foi escrita por professores das Aldeias Bodoquena e Campina, sendo organizada pela professora e doutora em História Social, Marina Evaristo Wenceslau.

Deseja-se que esta publicação contribua, de alguma forma, para a qualidade do ensino das crianças indígenas Terena do Mato Grosso do Sul, e, como acervo bibliográfico, para aqueles que pesquisam e estudam sobre o povo Terena.

**Núcleo de Educação Escolar Indígena/SED**

---

---

## **INTRODUÇÃO: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Esta publicação é dedicada aos professores de 1ª a 4ª série do I Grau, aos seus alunos e à comunidade Terena da aldeia Bananal. Reúne o trabalho desenvolvido durante um ano através de encontros, ocasiões em que organizamos idéias e elaboramos as produções.

A necessidade de demonstrar a situação real dessa escola nos levou a levantar dados sobre matrículas, reprovações, evasões, e o resultado foi preocupante. Nossa ação teve início através do levantamento de conteúdos oferecidos aos alunos de acordo com cada série e iniciamos a discussão em torno de um tema de fundo ligado à própria comunidade, que é a realidade da aldeia, suas realizações, seu comportamento e sua história.

Na escola os livros usados são os tradicionais, as histórias contadas são as elaboradas pelo dominador, não existe ainda a versão do próprio índio. Seus planejamentos são feitos em grandes reuniões, onde o conhecimento e o saber são unificados, não se observando as diferenças culturais, sociais e políticas. A História foi tomada como carro-chefe do processo de escolarização, pois nessa comunidade as pessoas mais velhas que ainda detêm o conhecimento, no entanto, vinham sendo esquecidas. O ensino/aprendizagem interdisciplinar acompanhado da língua materna é a base da construção da educação escolar indígena e do entendimento de sua identidade.

Nesse período de estudo, professores, lideranças e comunidade entenderam que, para haver um combate ao alto índice de reprovação na escola, a utilização da língua materna através do estudo da história de seu próprio povo seria a grande alternativa.

Quando foi dada a oportunidade de se produzir o próprio texto para o trabalho, a reação imediata foi de espanto e inércia. Refletir sobre a diferença étnica, sobre sua própria origem e sua vida antes da chegada do explorador ainda provoca alguma insegurança, tanto por parte dos professores como por parte da comunidade, ainda temerosa.

---

---

Tivemos momentos marcados pelas verdades desse povo e pelo pensar diferente. Um dos objetivos é respeitar a especificidade, abrindo caminho para pensar, discutir e analisar as várias possibilidades de mudança e aperfeiçoamento da "educação escolar indígena". A viabilização, o aproveitamento da realidade da aldeia e seu funcionamento são tomados em termos temáticos. Por fim, pretendemos, em todo o trabalho, oferecer aos professores sugestões, fontes e encaminhamentos que os estimulem a uma visão crítica para a elaboração do material didático, facilitando a ação pedagógica em sala de aula.

MARINA EVARISTO WENCESLAU

---

## A HISTÓRIA DA ALDEIA BANANAL

Informações colhidas pela professora  
Zenir Valério Felipe Rodrigues

Diz o índio velho Emeteteu, que era do Chaco, que quando chegou, a aldeia ainda não estava organizada. Ele diz que na baixada, atrás da casa em que desde aquela época morava o Sr. Bartolino Pereira, era o início de um brejo tão feio, tão feio que dava medo, muito medo!... O grupo de índios que tinha sua casa nesta região sofria muito, no entanto ali tinha uma bela mina onde todos buscavam água, havia um trilheiro usado por todos com um capinzal enorme ao seu redor. Esta mina era chamada de YUXU, ela jamais secava.

Em meio ao capinzal da mina, encontraram pés de banana; é bom dizer que naquela época ninguém conhecia a banana. Somente o velho índio do Chaco, lá da Bolívia, conhecia. Por isso deu o nome para esta aldeia de Bananal.

Como aqui já moravam muitos índios Terena, Rondon, em seu regresso, acabou descobrindo terras devolutas e encontrando muitos grupos indígenas do Oeste do Brasil, inclusive essa. Neste espaço de tempo, já havia sido estendida a linha Telegráfica do Rio de Janeiro até a Amazônia. Este grande homem, o engenheiro, sertanista, primeiro sargento Cândido Mariano da Silva Rondon, reservou este pedaço para os Terena. Daí para frente, começou a apelar ao Governo Federal pela doação.

Em 1.905 começa a demarcação das áreas e registro no cartório principal da cidade de Miranda, onde atualmente encontra-se como demarcação fundamental.

Terminada a medição e a demarcação, entregou ao cacique por nome José Tavares a tarefa de fechar a área e organizar a aldeia. Rondon perguntou ao cacique: " Tem possibilidade de cercar onde foi demarcado?..." Ele disse: " Nós vamos fechar a aldeia até onde formos capazes!..." Falou isto porque não tinha nenhum filho, também não tinha mulher para gozar desta área depois que ele morresse.

---

Assim, a aldeia foi organizada pouco a pouco em ruas, em lotes. Nesse tempo já estavam chegando índios de várias regiões que souberam que por aqui já estava tudo organizado. Começaram a limpeza da rua principal na pura enxada. Esta rua, hoje, é a que passa em frente ao Posto da FUNAI e da Escola. O Sr. José Caetano Tavares, conhecido como Kali Siní que na língua Terena significa "Pequena Onça", foi um dos primeiros habitantes e não teve filhos.

As pessoas que fizeram limpeza da rua naquela época foram: Yengoti, Hupikexo, Mayane Chuluki, Epuvoero, Eperu, Apaka, Lauí, Sakama, Kabeção, Sipíloe. Depois apareceram índios do Chaco boliviano, que no idioma - Exíva; Hononouketi, Kaçape, Uhetipatere, Pakaku Yoko Yeno Yanihoeti.

Todas estas pessoas que ajudaram a começar a nova aldeia também morreram aqui e formaram o seu próprio cemitério. Ele fica acima daquela lagoa seca central - no norte da aldeia.

Na época dos antigos existiam também os benzedores que faziam previsões e curavam de doenças da tribo. Eram: Eperú, Pakakú e Etelú. Existiam algumas brincadeiras, danças e hábitos peculiares da tribo Terena.

## **DANÇA**

A DANÇA DO BATE-PAU é a mais conhecida e até hoje é praticada. É formada por 7 peças, cada peça tem seu significado. Sua origem remonta aos tempos de guerra e dela participam somente homens.

A DANÇA DE SABIÁ é para comemorar o período da colheita.

DANÇA DAS MOÇAS é chamada de SIPUTERENA. Formada por 5 peças e remonta também aos tempos da guerra. Seu significado é a vitória.

---

## **BRINCADEIRA**

YUVOROKOTI YAVAVÁ é a brincadeira para saber qual é o índio mais forte e veloz da tribo. É uma luta corporal e vence quem tiver mais força.

PAREKÁ é a corrida de cavalo.

---

## SITUAÇÃO ATUAL DA ALDEIA BANANAL

Os Terena sempre desempenharam papel relevante na história brasileira, como na Guerra do Paraguai e na construção da Estrada de Ferro Noroeste.

No estado do Mato Grosso do Sul, os Terena estão distribuídos nos municípios de Aquidauana, Miranda, Bodoquena, Porto Murtinho, Bonito, Campo Grande, Nioaque e Dourados. A Aldeia Bananal, do município de Aquidauana/MS, apresenta hoje algumas características urbanas com ruas bem traçadas, energia elétrica, água encanada, posto médico, escola, igrejas, etc.

Quanto à política interna, nas épocas passadas os caciques eram indicados pelas pessoas mais idosas da aldeia. Hoje há uma pequena eleição para a escolha de seu cacique. Isto aconteceu no decorrer dos tempos sob influência do não-índio, perdendo-se muitas características culturais.

A unificação da comunidade não é mais como era, pois o relacionamento das famílias indígenas sofre influências das "brigas" políticas, tanto internas como externas. A posição dos não índios muitas vezes decide os acontecimentos internos da aldeia. Antes a política interna era forte, a unificação da aldeia foi mantida por muito tempo porque o cacique tomou algumas decisões importantes como a de nenhum membro da comunidade votar.

As famílias importantes tiveram sua marca registrada através da Capitania na aldeia, como é o caso de Wolilly (hoje - homenageado como nome do Núcleo Escolar Marcolino Lili - nome dado por um fazendeiro à Huá Lili), que foi por 30 anos Capitão.

O índio Pakaku, que era benzedor da família Marcos, casado com a índia Yoniheti, teve uma de suas filhas casada com Marcolino Lili, dando continuidade à família Lili através de seus 5 filhos. Cantidio Lili, neto de Pakaku, herdou a sabedoria indígena, era benzedor não praticante.

Na aldeia do Bananal existiram outras famílias importantes, como as de Pascoal Gonçalves, Luiza Rodrigues,

---

Bertulino Pereira, Umbelina Pio, Leão Vicente, João da Silva, Enedina da Silva.

Pascoal Gonçalves, Luiza Rodrigues, Bertulino Pereira e Umbelina Pio são pessoas que atuam através da reza para fazer o bem às pessoas. Todos os enfermos que os procuram em suas casas recebem a benção e instruções de como fazer o remédio caseiro para tomar.

Leão Vicente é um dos soldados que participou na 2ª Guerra Mundial, tendo ficado paralisado por problemas nos combates e faleceu no início de 1996.

Hoje a discórdia marca a comunidade tendo em vista as oposições das famílias que recebem influência da política externa favorecendo as contradições na política interna. Estes fatores colaboram para a desintegração política interna, favorecida pela divisão de crenças religiosas presentes na Aldeia Bananal.

As igrejas existentes na aldeia do Bananal são: Igreja Católica e três Evangélicas: Assembléia de Deus, Unidas e Evangélica Independente Indígena Renovada. A primeira igreja Missionária da aldeia funcionou na casa do índio Olho "Oye", em 1923 e contou com mais ou menos 60 índios convertidos. A Igreja Evangélica Independente Indígena renovada foi criada por um grupo de pessoas que pertencia à Igreja Unidas. Atualmente seu pastor é o senhor Isaltino Domécio (informações da professora Maria Elza da Silva). Devido à desintegração política interna e externa, hoje há também a divisão de crenças, sendo a maioria evangélica. A política local exerce forte influência sobre tudo isto.

A Aldeia Bananal está assim estruturada: Capitão, Chefe do Posto, Conselho Tribal, Benzedores, Comunidade e Igrejas.

Os cargos administrativos geralmente são exercidos por terena de maior destaque na comunidade. Os Conselheiros da aldeia são indicados pelo Capitão como cargo de confiança e seu papel é servir de "assistente social" em todas as dificuldades familiares.

Nesta aldeia a economia está basicamente centrada na agricultura de subsistência, criação de gado, na comercialização de frutas, como: manga (as primeiras mangas foram trazidas pelos missionários e plantadas na Missão Esperança,

---

segundo informações da professora Maria Elza da Silva), guavira, caju, limão, banana, artesanato onde basicamente as pessoas da aldeia confeccionam os seguintes produtos artesanais: abanico, cesta, chapéu, vestimenta para dança, anel, pulseira, colar e brinco. Eles aproveitam praticamente toda a matéria-prima de um coqueiro (uns falam buriti, outros acuri) típico e muito comum na área. Aqui na Aldeia Bananal não se trabalha a cerâmica. Informações colhidas pela professora Zenir Valério Felipe Rodrigues. Tendo também a pequena indústria de farinha, melado e rapadura.

Segundo informações das professoras Ernestina e Janete, o comércio dos produtos é feito na própria área e também nas cidades de Aquidauana, Anastácio e Campo Grande. Alguns membros da aldeia prestam serviço para a Prefeitura e a FUNAI (são professores, enfermeiras e serviços gerais).

Na Aldeia do Bananal existem 8 farinheiras-casas de farinha, e o produto é vendido em grande parte na própria aldeia e nas proximidades. Os nomes de alguns proprietários das farinheiras são: Margarida Fialho Cândido, Eugênio Jordão, cuja farinheira funciona há mais de 10 anos, e Satiro França cuja farinheira funciona desde 1990. Há também um engenho-de-açúcar que fabrica melado e rapadura, seu proprietário é o senhor Gildo França.

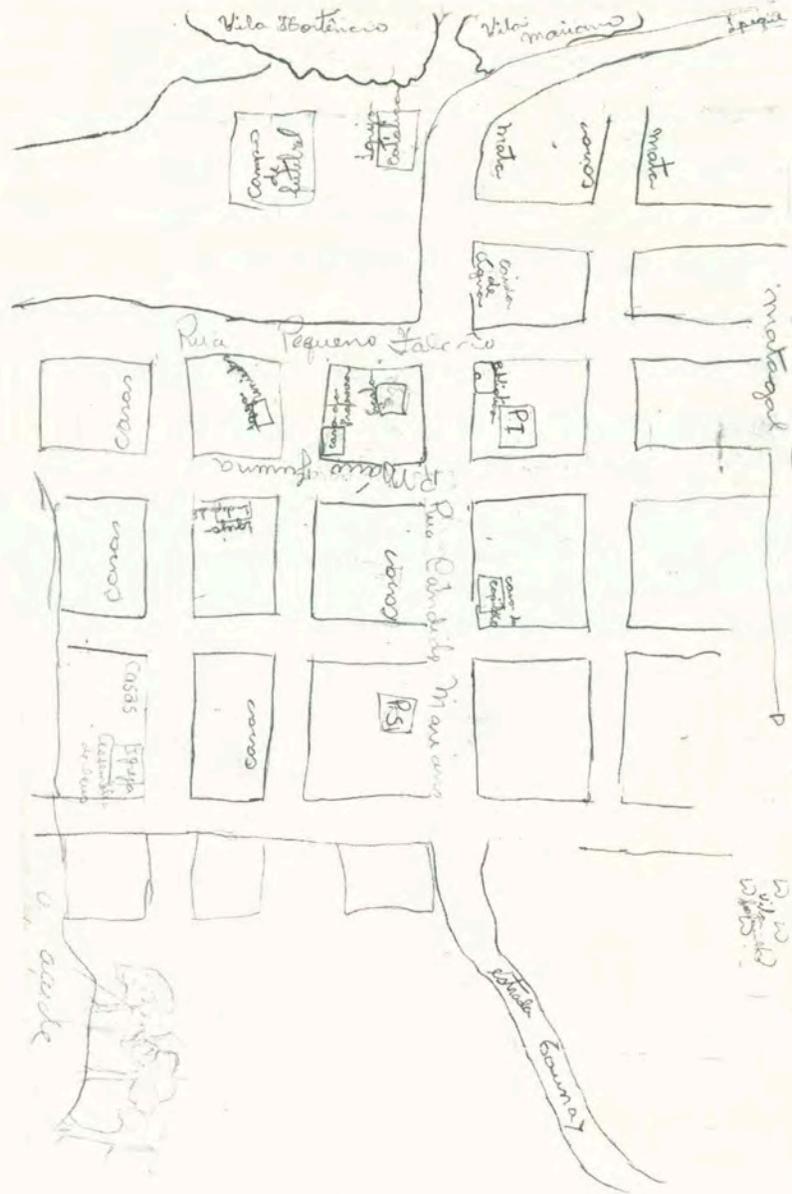
---

Algumas pessoas idosas, da aldeia:

<b>NOME DAS PESSOAS</b>	<b>IDADE</b>
Pascoal Gonçalves	mais de noventa anos
Antonio Basílio	93 anos
Bertolino Pereira	89 anos
Sérgio Hortêncio	85 anos
Mariazinha Gonçalves	84 anos
Alice Pereira	80 anos
Simplicio Francisco	± 76 anos

Obs.: Mariazinha Gonçalves, veio com as duas avós da aldeia Cachoeirinha, não se lembra em que ano suas avós nasceram e nem mesmo suas idades. Mariazinha contou que quando chegou aqui as ruas eram estreitas e cheias de mato.

MAPA DA ALDEIA BANANAL - 1



MAPA DA ALDEIA BANANAL - 2



---

## A ESCOLA INDÍGENA DE I GRAU GENERAL RONDON

Segundo informações do Sr. Tibúrcio Francisco, a educação na Aldeia Bananal teve seu início em 1887. O primeiro professor da aldeia foi o sr. Magalhães, que acumulava os cargos de professor e chefe do posto. A escola funcionava num galpão, ao lado do atual Posto Indígena da FUNAI. Passados alguns anos, transferiu-se o funcionamento para novo prédio, onde hoje está construída a enfermaria.

Após esta época, passou a lecionar na escola a professora Zazá, esposa do Chefe do Posto Indígena, sr. Francisco Ibiapina da Fonseca, a qual não tinha interesse em se instruir e não desenvolvia o hábito de ler e escrever nos alunos. Sua conduta como professora era passar alguma atividade para as crianças fazerem, trancando-as a chave na sala de aula e liberando-as somente no intervalo e saída. Neste período em que permaneciam presas, a professora fazia seus afazeres domésticos. Havendo verbas do Serviço de Proteção ao Índio - SPI, o chefe do Posto, bem como a "professora", para manter as crianças na escola, mandou confeccionar uniforme azul e branco, o qual satisfazia o ego do povo que desconhecia o objetivo do SPI, para o qual os responsáveis pela escola eram obrigados a prestar contas através de relatórios. Nessa época, não havia divisão por séries, conseqüentemente não era medido o grau de instrução dos alunos.

Numa outra administração, por volta de 1930, o professor e chefe do posto Indígena era o Coronel Nicolau Horta Barbosa, que deu um novo impulso à educação; apesar de não ter materiais pedagógicos, os alunos escreviam em pedras. Percebendo que os alunos e pessoas enfermas necessitavam de alimentação, mandou comprar gado dos quais tiravam o leite para a merenda dos alunos.

Chegando a escola missionária, alguns alunos passaram a freqüentá-la, pois os americanos tinham o objetivo de ensinar os alunos a ler e escrever, enquanto os funcionários do SPI só pensavam em receber o dinheiro do governo, deixando de instruir de fato as nossas crianças.

Entrevista feita com o sr. Tibúrcio Francisco pelas professoras da Escola. O roteiro da entrevista foi elaborado pelas

---

---

professoras Ernestina S. Nascimento, Janete Lili Azambuja, Nilza Leite Antonio, Oscaldina Alves Queirós, Roseli Aparecida Carrilho Soares, Rosemeire de Almeida Moreira e Zenir V. F. Rodrigues. A conversa foi mantida na língua terena para melhor entendimento do entrevistado.

---

## **A MULHER TERENA**

Alunos da 7ª série/96 da Escola General Rondon.  
A professora Juscilene Pinheiro de Souza  
coordenou o trabalho da classe.

Hoje em dia a mulher Terena não trabalha mais na roça como antigamente, apenas algumas ainda conservam esse costume. Em casa elas cozinham, lavam, cuidam das crianças, enfim, fazem todas as tarefas domésticas, e além disso saem para as cidades mais próximas para venderem os produtos agrícolas como: mandioca, milho, maxixe, feijão, abóbora, etc., com o objetivo de conseguirem dinheiro para ajudar no sustento da família. Há ainda algumas mulheres que trabalham fora de casa como: professoras, funcionárias da escola, etc. Algumas ainda fazem trabalhos manuais como: crochê, tricô, bordado, costuram e fazem rede.

A mulher Terena gosta de fazer farinha de mandioca o ano todo, tanto para vender na comunidade como para o seu consumo.

O único lazer é ir passear na casa das amigas, parentes e vizinhas para tomarem o mate, ou quando há jogo de futebol, algumas mulheres vão assistir para torcer pelos filhos ou por algum time.

Aos domingos ou dias de culto e pregações, cada uma vai para a Igreja que frequenta. Ainda tem aquelas que adoram bailes e vão sempre que têm oportunidade.

Assim é a vida das índias Terena da Aldeia Bananal.

---

## **VOZ PARA OS PROFESSORES MEU PRIMEIRO TRABALHO**

Texto elaborado por Nilza Leite,  
professora da 2ª série B - vespertino/96.  
A professora é índia Terena que vive e trabalha na aldeia.

Da primeira vez que fui professora aqui na escola General Rondon foi ótimo. Comecei a dar aulas no ano de 1989 e trabalhei até 1993. Depois parei dois anos porque não tinha feito o concurso que tinha sido realizado pela Secretaria Municipal de Educação para os professores. O concurso foi realizado no domingo e aqui na aldeia não tem ônibus para a cidade neste dia, assim fiquei impossibilitada de prestá-lo.

Agora, neste ano, comecei de novo a dar aulas na segunda série com 28 alunos repetentes.

Bom, nos primeiros dias de aula fiquei um pouco frustrada porque a maioria dos alunos é adolescente. Conversei muito com eles, falei para estudarem mesmo, não brincarem durante as aulas, evitem faltar à escola. É uma turma muito boa porque são repetentes, têm uma caligrafia ótima e sabem ler.

Na minha classe tem todos os tipos de alunos, uns são obedientes, outros tímidos, não sei por que isto acontece. Alguns não falam e penso que seja a dificuldade que encontram de falar o português, mas quando falo e explico na língua materna todos dão suas opiniões e respostas.

As minhas aulas são expositivas, usando várias formas de atividades para incentivar as crianças

Sempre incentivo as crianças a estudar para ser algo na vida, para ter um futuro melhor.

---

## **AUXILIAR DE ENSINO O IDIOMA COMO CENTRO DO TRABALHO**

Texto elaborado por Zenir V. Z. Rodrigues, professora.  
A professora é Índia Terena que vive e trabalha na aldeia.

No ano de 1986 comecei a trabalhar aqui no Núcleo Escolar General Rondon com 35 alunos, a sala era do pré-escolar .

Durante esses anos, fiquei sempre trabalhando com as crianças, dando aula, mas desde o primeiro dia tive dificuldades, então pedia apoio às pessoas que já trabalhavam. A Maria Elza Campelo, que era a responsável pelo pré-escolar, marcava os dias para eu receber orientações ali na cidade de Aquidauana, onde ficava durante uma semana e depois voltava ao trabalho dentro da sala de aula. Além desses encontros, participei também dos cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Estado, onde aperfeiçoava meu trabalho e melhorava minhas aulas. Acabei gostando, sabendo que era útil aos meus patrícios.

Meu objetivo com as crianças sempre foi que elas estudassem bastante até terminarem pelo menos o 2º grau.

No ano de 1992, o pré-primário deixou de funcionar aqui na escola, então passei a auxiliar as professoras de 1ª a 4ª séries, explicando para os alunos no idioma.

Na realidade sempre trabalhei só na língua Terena, porque não entendia português.

---

## **A ESCOLA DIZ RESPEITO AO MEU POVO**

Texto elaborado por Janete Lili Azambuja.  
A professora é Índia Terena que trabalha, porém não mora na aldeia.

No ano de 1991, comecei a lecionar aqui no General Rondon. Estou trabalhando como professora de 1ª série desde 1987, pelo município de Aquidauana .

Saí da área indígena aos 11 anos de idade, fui morar na cidade para estudar até conseguir me formar no magistério. Voltei para aldeia Bananal para lecionar em março de 1991.

Quando terminei de cursar o magistério, jamais pensei em algum momento em voltar para minha aldeia para dar alguma ajuda ao meu povo. Quando surgiu essa oportunidade, não pensei duas vezes. Vim e estou até agora, pois esse tipo de trabalho diz respeito a minha gente. Gostaria de ajudar muito mais! O que for do meu alcance, farei!...

O objetivo do meu trabalho é ver as crianças com um ideal para ter uma vida melhor, digna e para que também os seus descendentes tenham uma vida melhor que a de meus pais e muito mais que a minha. Minha metodologia é a conscientização das necessidades internas da área Bananal, para que tenham força de vontade em estudar. Através da leitura e da escrita poderão melhorar suas condições em todos os aspectos. Minha esperança é que meu trabalho venha a contribuir para melhoria nas suas vidas, como cidadãos.

Como índios, somos dignos desde o nascer até o morrer. Nossos antepassados foram até mais dignos, pois eram unidos e tinham uma vida própria, sem influência de quem quer que seja.

---

## O TEMPO ME ENSINOU

Texto elaborado por Rosemeire de Almeida Moreira.  
A professora é índia Terena que vive e trabalha na aldeia.

A primeira experiência que tive foi em uma sala de aula da Escola Marcolino Lili, na Aldeia Lagoinha. Na verdade me lembro dessa situação como se fosse hoje. Por ser iniciante na área, me senti insegura, nervosa e preocupada, mas sempre procurava ajuda com os professores que tinham experiência.

Na época me preocupei muito com a formação desses alunos, a aprendizagem. Como não tinha experiência, queria obter resultados imediatos, mas não foi possível porque, conforme foi passando o tempo, fui percebendo que não era do jeito que gostaria. A aprendizagem dos alunos dependia muito mais do meu trabalho com os alunos. Na verdade o meu maior objetivo era de fazer esses alunos lerem, escreverem e nada mais!...

Com o decorrer do tempo, procurei me empenhar mais e percebi também que como professora tinha uma responsabilidade enorme na formação desses indivíduos para enfrentar a vida.

Tive que mudar as formas de dar aula, para que eles aprendessem com mais facilidade, ou seja, hoje usava um método, amanhã poderia ser muito diferente, conforme as necessidades dos alunos.

Mesmo sendo índia, foi difícil encarar esse tipo de problema, mas ao mesmo tempo me senti segura por trabalhar numa aldeia onde nasci e vivi minha adolescência.

---

## O SUSTO DA SALA MULTISSERIADA E POUCOS ALUNOS

Texto elaborado pela Ernestina S. Nascimento, que foi professora na escola de Imbirussu.

Após ter decorrido um ano da nomeação do meu concurso público aferido pela SECE, fui lotada para trabalhar na aldeia do Imbirussu.

Sem ter conhecimento algum sobre a área indígena e nem conhecer a realidade daquela clientela, fui!... Sou habilitada para exercer o cargo de professora e cumprir minha função.

À chegar na Aldeia Imbirussu, assustei, pois só havia uma pequena sala, embora soubesse que se tratava de multisseriada, com um número reduzido de alunos, com mais ou menos 8 anos, onde 6 alunos eram da 3ª série e apenas 2 da 4ª série.

Senti dificuldades por dois motivos: por ser sala multisseriada e em área indígena. Era apenas o meu segundo ano na função de professora. À primeira vista os alunos pensavam que eu falava e entendia o seu idioma, por ser muito parecida fisicamente com uma índia. Quando eu fazia perguntas, eles ficavam olhando entre si e me respondiam em Terena.

Assustei!... Assustei muito!... Depois expliquei a eles que não falava nem entendia o seu idioma, mas que nada os impedia de se comunicarem entre si ou me ensinarem algumas palavras no idioma, mesmo que fosse só falando ou escrevendo.

Quanto à participação dos alunos na sala, eles seguiam sua cultura, ou seja, só se pronunciavam se fossem indicados ou solicitados a participar.

Esse foi um contato de curta duração, pois logo fui remanejada para trabalhar com a 2ª série na Aldeia Bananal. Então passei a informação do remanejamento feito pela Secretaria de Educação aos meus alunos e eles agiram de forma que me envaideceu, porque falavam até em deixar de estudar ou em se matricular aqui na Escola General Rondon, para onde fui transferida.

---

## NO INÍCIO NÃO EXISTIA O DIÁLOGO

Texto elaborado pelo professor Francisco Tavares da Câmara, diretor da Escola General Rondon.

Quando comecei a trabalhar aqui no Bananal, fazia um ano que estava atuando no magistério. A dificuldade no início foi o diálogo com os alunos, que não existia, em função da maneira deles reagirem diante do não-índio: ficam calados e só riem.

O que me ajudou um pouco foi o fato de no ano anterior ter trabalhado em um assentamento em Dois Irmãos do Buriti. Os alunos também são do meio rural e creio que o maior erro dos professores que vêm pela primeira vez dar aula na aldeia, e que foi o meu erro no início, é o fato de querer que os alunos sejam iguais aos da cidade, chamando-os à atenção a todo instante. Mas, a partir do momento em que você passa a compreendê-los e passam a confiar no professor, o diálogo surge e as coisas se tornam mais fáceis.

Como diretor da escola, na parte do relacionamento com os alunos e também com a liderança e a comunidade, até o presente momento não tive problemas de grande relevância, mesmo porque sempre que surge algum problema consulto pais, lideranças, cacique e chefe de Posto, para que eles se sintam também responsáveis pelo problema e possíveis soluções. Isso faz com que a comunidade sinta confiança no trabalho do professor e também da direção.

---

## A INSEGURANÇA POR NÃO ESTAR PREPARADA

Texto elaborado pela professora Roseli Aparecida Carrillo Soares.

Ao chegar na escola General Rondon da Aldeia Bananal no início do ano letivo, um fato chamou minha atenção ao entrar na sala: "o silêncio de todos os alunos". Não o silêncio da curiosidade, mas o silêncio no sentido de ter vergonha em participar da aula ou falar comigo!... Foi terrível, não no sentido de serem índios, mas pelo comportamento em sala de aula.

Antes de encontrar o problema inicial, da participação, tinha uma idéia de como trabalhar com esses alunos, mas, ao perceber a realidade, surgiu a insegurança!... Não estava preparada para a nova realidade!... Embora já soubesse previamente que trabalharia numa área indígena, não esperava por alunos tão tímidos.

Esperava encontrar crianças um pouco diferentes daquelas que encontrei, que participassem através de diálogo, mas encontrei apenas silêncio!... (Lembrando sempre que estou mencionando meu primeiro dia, meu primeiro encontro, meu primeiro impacto!...)

Com o passar do tempo, tempo no sentido de meses, começamos a nos entender, sem significar que havia conseguido muito progresso. Foi um pouco. O pouco que já fez uma diferença muito grande para que nós nos entendêssemos.

A forma para conseguir o progresso nas aulas foi mudar não a forma de dar a aula, mas sim meu modo de tratá-los. A partir daí as aulas foram num crescente. Esta evolução me favoreceu, comecei a crescer enquanto profissional em meio a um grupo étnico diferenciado dos outros, com formas e características próprias.

**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MS  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA  
PARQUE DOS PODERES - BLOCO V  
TELEFONE: 726-4055 (RAMAL 320)**

---